

Autorias e representações lésbicas na literatura contemporânea brasileira: fronteiras e futuros

Emerson Inácio & Claudiana Gois dos Santos

Universidade de São Paulo — USP

Resumo: O presente artigo busca delinear as relações entre fronteiras territoriais, literárias e de gênero a partir de suas ligações com a circulação de obras, com o mercado editorial e com a crítica. Observa-se que leis que regulam tais instâncias tendem a incidir sobre projetos que desafiam a ordem dominante, embora estas leis se mostrem insuficientes para compreender boa parte das manifestações literárias contemporâneas. A incidência destas fronteiras bem como a dificuldade em transpor estas leis causam lacunas importantes em termos de autoria e representação. Porém, algumas expressões têm ultrapassado tais leis para criar escritas em que os recortes de territorialidade, gênero, classe e raça, em relação a autoria e a representação,

possam ser, a um só tempo, elementos estéticos e políticos de intensa qualidade.

Palavras-chave: Literatura brasileira, poesia, crítica literária feminista, feminismo negro.

Résumé : Nous cherchons, dans le présent article, à définir les relations entre les frontières territoriales, littéraires et de genre à partir de leurs relations avec la circulation d'œuvres, avec le marché éditorial et la critique. Les lois qui régulent de telles instances tendent à se répercuter sur des projets qui défient l'ordre dominant, même si celles-ci sont insuffisantes pour comprendre une bonne partie des manifestations littéraires contemporaines. L'incidence de ces frontières, ainsi que la difficulté à dépasser ces lois, causent d'importantes lacunes en

termes de représentation et de création. Cependant, certaines voix ont dépassé de telles lois pour créer de la littérature. Dans ces œuvres, les questionnements concernant la territorialité, le genre, la classe et la race par rapport à la créa-

tion et à la représentation sont des expressions littéraires de qualité tant sur le plan esthétique que politique.

Mots-clés : Littérature brésilienne, poésie, critique littéraire féministe, féminisme noir.

A delimitação de fronteiras é fenômeno atuante sobre territórios, corpos e criações ficcionais. Em paralelo a isso, projetos de nação, de identidade nacional e de formação de literatura tendem a se estabelecer, cada qual com suas possibilidades de agência e intersecções, sob o jugo de instâncias identificadas com o poder patriarcal. As fronteiras territoriais, textuais e corporais são, cada vez mais intensamente, espaços de constante disputa.

É do interior do patriarcado que, não raro, surgem leis que regulam o espaço físico e subjetivo que os corpos ocupam, além de determinar quais corpos e como estes devem ou não participar de seus projetos de nação. As ideias de diversidade e alteridade, que, via de regra, desafiam tais leis, também são aquelas sobre as quais o patriarcado tenta incidir com maior rigor. No entanto, sabemos que tais leis, mesmo imiscuídas nas fibras mais fundas de muitos projetos de nação, identidade e literatura, quando olhadas mais detidamente, se mostram, no mínimo, insuficientes para compreender certas manifestações identitárias e/ou literárias fronteiriças.

A literatura brasileira, nas últimas duas décadas, sobretudo, tem presenciado o surgimento de projetos literários cuja autoria e a representação ficcional desestabilizam pressupostos de setores mais tradicionais da crítica, bem como tais projetos tendem a evidenciar problemas literários e sociais contundentes. No presente artigo, serão analisadas as relações entre territorialidades, circulação de obras e projetos literários, principalmente nos casos em que o corpo que escreve e/ou o corpo do texto desconstroem as fronteiras patriarcais de território, gênero e cânone literário.

Para desenvolver esta ideia parto do diálogo entre o ensaio/artigo “Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços”, de Natalia Borges Polesso¹ e do ensaio recém traduzido em português *A nova nação mestiza: um movimento multicultural*, de Gloria Anzaldúa², para observar as implicações do espaço material de produção, em termos de autoria, e do espaço ficcionalizado, em termos de representação, no livro de poemas *Lundu*,³ de Tatiana Nascimento.

O texto de Natalia Borges Polesso é um recorte de seu trabalho de pós-doutoramento intitulado *Geografias Lésbicas*. No artigo, são mapeados textos ficcionais feitos por mulheres lésbicas e/ou a respeito de mulheres lésbicas, segmentando a produção em autoria e representação. No texto mencionado, Polesso afirma que “As violências e opressões são exercidas sobre os corpos e a

1. POLESSO, Natalia Borges, “Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 2020. www.scielo.br/j/elbc/a/M6fvQXLjWw8fjzjbCTn8RPv/.

2. ANZALDÚA, Gloria, “A nova nação mestiza: um movimento cultural”, in *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*, Glória Anzaldúa (trad. Tatiana Nascimento), Rio de Janeiro, A Bolha Editora, 2021, p. 181-209.

3. NASCIMENTO, Tatiana, *Lundu*, Brasília, Padê editorial, 2017 (2.^a ed.).

gravidade social delas vai depender do corpo e do espaço que este ocupa⁴, desse modo, trazendo a discussão para o campo da produção literária e considerando a dupla perspectiva de autoria e representação, podemos começar a considerar as diferenças entre os percursos de escritoras que transitam ou não pelos grandes centros urbanos brasileiros.

De acordo com a *Análise da indústria editorial brasileira e o papel do Programa Nacional do Livro Didático*⁵, a produção e a compra de livros no Brasil se mantêm como um reflexo de décadas atrás, ou seja, a concentração de editoras de grande porte, que detêm boa parte do poder de circulação de obras, continua situada na região sudeste, mais especificamente nas capitais dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Este é um dos entraves materiais e territoriais que escritoras residentes em outros espaços do país enfrentam em relação à publicação de suas obras.

É certo que há muitas outras editoras nas diversas regiões brasileiras cujo trabalho colabora com a descentralização da circulação de literatura pelo país, proporcionando a diversidade nas formas de ver e representar literariamente a realidade nacional. Entretanto, quando consideramos fatores como concorrências em editais e premiações, participação em feiras literárias e ampla divulgação das obras na mídia especializada, percebemos que ainda há muito por fazer.

Entre as medidas que buscam minimizar estas disparidades, encontram-se editais que promovem o custeio de publicações ou a realização de eventos literários para além dos grandes centros do Sudeste. Entre essas ações, existem exemplos como os editais de fomento à cultura do Fundo Elas de Investimento Social⁶, que financiaram projetos como a Padê Editorial. Entre 2015 e 2017 a editora foi responsável pela publicação de mais de 60 livros escritos por autoras autodeclaradas lésbicas, bissexuais e transexuais, entre as quais 80% negras e residentes em regiões diversas das capitais mencionadas. Como vemos no artigo de Maria Rosário Pereira e Samara Miriam Coutinho,

[a] Padê Editorial cumpre uma importante função ao trazer à baila livros de temática lésbica escritos por mulheres lésbicas — e também bissexuais, transsexuais e transgêneros —, em sua maioria negras. Na página de créditos de seus livros, lê-se: “padê editorial é um coletivo editorial artesanal que publica autoras negras y/ou lgbtqi+, fundado por Tatiana Nascimento y Bárbara Esmenia, em Brasília/DF.” Ressalte-se a originalidade desse projeto editorial, precedido, no Brasil, pela Editora Brejeira Malagueta, fundada em 2008 por Laura Bacellar e Hanna Korich, e extinta em 2015, a qual se autoproclamava “a primeira editora lésbica na América Latina”. No entanto, a Padê acrescenta a variável racial a suas publicações, agregando um novo elemento para se refletir sobre o papel ocupado por essa pequena editora em um cenário um tanto quanto excludente⁷.

4. POLESSO, Natalia Borges, *Geografias lésbicas: literatura e gênero*, Revista Criação & Crítica, n° 20, p. 3-19, 2018. 19 de setembro de 2021. www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138653.

5. RODRIGUES, Mateus Gomes da Silva, *Análise da indústria editorial brasileira e o papel do Programa Nacional do Livro Didático*, 36 p, Monografia: PUC, 2020. 26 de setembro de 2021. ftp.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Mateus_Gomes_da_Silva_Rodrigues_Mono_20.1.pdf.

6. O Fundo Elas de Investimento Social se autodenomina “o único fundo brasileiro de investimento social voltado para a promoção do protagonismo das mulheres”. 25 de setembro de 2021 www.fundosocialelas.org/institucional.asp

7. PEREIRA, Maria do Rosário A, COUTINHO, Samara M, “Padê Editorial e Nega Lilo: representatividade feminina no mercado editorial independente”, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n° 62. jan/abril. 2021, p. 1-14. periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/37414.

Desse modo, apesar da importância das iniciativas de pequenas e médias editoras espalhadas pelo território nacional e da promoção de editais de fomento à cultura, é perceptível o quanto ainda predomina a autoria de escritoras que não apenas residem nestes grandes centros urbanos do Sudeste, mas que também ambientam suas narrativas e poesias nestes espaços. Certamente o poder de ficcionalização das autoras pode conduzi-las a escrever sobre a realidade que melhor lhes aprouver; não se trata de condicionar o espaço territorial físico ao espaço escolhido para a ficcionalização, no entanto, o que uma análise breve em produções contemporâneas nos leva a observar é que boa parte das obras com autoria de mulheres, lésbicas ou não, que traz em seus enredos personagens ou vozes enunciativas lésbicas, se passa em espaços urbanos, majoritariamente no sudeste brasileiro, sendo estas personagens uma espécie de reflexo muito próximo em termos de recorte de raça e classe, das pessoas que as criaram⁸.

Assim, quando pensamos em projetos literários conscientes destes atravessamentos materiais que, com maior ou menor intensidade, afetam a escrita, é preciso considerar que “nos espaços as estruturas da opressão e do privilégio são móveis. Os cruzamentos culturais, econômicos, raciais, de classe, nos interpelam a todo o momento, por todos os lados, fazendo com que tudo o que tentemos construir seja sempre muito instável⁹”; por isso, se de um lado a imposição econômica e territorial direciona, de uma forma ou de outra, quais corpos terão maiores ou menores condições de escrever ou de ser representados na escrita literária (devido a questões como espaço geográfico, gênero, classe e raça), de outro lado são perceptíveis as tentativas de romper as fronteiras geográficas e econômicas. Essas tentativas têm se mostrado como importantes estratégias para a ampliação da diversidade de autorias, enredos e representações. Pese-se aqui também a importância editorial, em quais editoras estas obras eventualmente são publicadas e, qual será o poder de circulação, considerando também a recepção da crítica.

Para ilustrar essa ideia retorno ao exemplo da Padê Editorial, responsável pela publicação do livro de poemas *Lundu*. Neste livro, a autora Tatiana Nascimento faz uso de temas como gênero, lesbianidade, ecologia e vivência na cidade de Brasília, Distrito Federal. Além disso, o trabalho estético em metáforas originais para construir sua poesia, bem como em sua produção teórica e crítica, destaca as obras de Tatiana Nascimento no cenário da literatura contemporânea, incluindo também seu trabalho como tradutora de importantes obras teóricas de autoras ligadas ao feminismo negro e interseccional.

Importante demarcar que os textos presentes em *Lundu*, em muito diferem da perspectiva que a poesia de autoria ou de representação lésbica habitualmente nos tem trazido, sobretudo em relação à exploração dos espaços geográficos e dos espaços sociais. Não que Brasília não seja um grande centro urbano como Rio de Janeiro e São Paulo, nem tampouco que o livro prescind

8. Na dissertação *A Bruta Flor do Querer: Amor, performance e heteronormatividade na representação das personagens lésbicas* há um breve levantamento de obras escritas com personagens lésbicas, da segunda metade do século XX até a primeira década dos anos 2000. Das obras nacionais mencionadas, apenas duas têm como espaço outras cidades que não Rio de Janeiro ou São Paulo, entre estas apenas uma trata de vivências em espaços rurais. As menções a personagens fora dos extratos de classe média, ou de personagens negras é igualmente pequeno, ver mais em SANTOS, Claudiana. G. dos. *A Bruta Flor do Querer: amor, performance e heteronormatividade na representação das personagens lésbicas*, 144 p. Dissertação: FFLCH USP, São Paulo, 2018.

9. POLESSO, Natalia Borges. “Geografias lésbicas: literatura e gênero”. *Revista Criação & Crítica*, nº 20, p. 3-19 jan/ abr 2021. www.revistas.usp.br/criacaoocritica/article/view/138653.

de poesias que falem do amor entre mulheres com o lirismo esperado. No entanto, na perspectiva utilizada em *Lundu*, a ênfase é voltada para o confronto desta paisagem com detalhes peculiares ao cerrado e aos elementos das religiões de matriz africana, enunciado por uma voz que se coloca subjetivamente como uma mulher que ama outra mulher. Isso, sem dúvidas, torna a representação literária destes espaços bastante original.

Por isso, se concordarmos com o exposto por Natalia Borges Polesso, quando afirma que “O ponto de vista existe por meio da experiência, que é sempre subjetiva. A paisagem se instaura no pensamento, por um olhar e esse olhar faz parte de um corpo, o modo fundamental do ser no mundo, no tempo [...]. A experiência do sujeito delimita o conjunto da paisagem¹⁰” então, é possível compreendermos melhor as marcas destes traços que perpassam os poemas de *Lundu*. É justamente o amálgama entre o trabalho estético e temático com os elementos típicos do território, da religiosidade, da consciência de classe e de raça que diferenciam a enunciação presente no livro. Essa mescla de temas e forma perpassada pela enunciação da experiência lésbica em um centro urbano diverso do majoritariamente publicado torna a poesia de Tatiana Nascimento singular, e, assim como algumas outras produções literárias contemporâneas, promove inovações temáticas e estéticas frente às fronteiras estabelecidas econômica e socialmente em boa parte da literatura contemporânea brasileira.

É a partir de exemplos como o livro *Lundu*, que podemos repensar certas lacunas em termos de representação literária. Como seriam ou são, por exemplo, as enunciações lésbicas na literatura de espaços rurais de outras regiões do Brasil? Se considerarmos o impacto do espaço territorial na criação artística e literária, precisaremos pensar também os motivos que levam a escrita com autoria ou representação lésbica ser mais evidenciada em espaços urbanos. Para além das questões econômicas, há condições de publicação e recepção para estas obras em pequenas cidades interioranas, sobretudo naquelas em que predominam tendências conservadoras? O espaço de pequenas comunidades permite o exercício de imaginação da vivência não heterossexual? Como seriam as narrativas ou poesias que tomam para si estes espaços tradicionalmente heteronormativos de ficcionalização? Haveria com isso impactos estéticos notáveis, para além da diversidade temática, nas obras? Qual alcance de circulação teriam estas produções, considerando inclusive a concorrência em editais de prêmios literários, a demanda de mercado por estas produções, a participação de escritoras e escritores em feiras para divulgação extrarregional?

Embora algumas destas questões a princípio nos pareçam exteriores ao exercício da criação literária, bem como distantes do nosso papel enquanto leitores críticos, nos convém lembrar, como já mencionou Adrienne Rich, em *Blood, Bread and Poetry*, que “Toda arte é política, no sentido de quem a pode produzir, do que lhe dá origem, de como e por que ela entra no cânone, e, porque razão continuamos a ocupar-nos dela¹¹”.

Assim, escritas ficcionais, como vemos na poesia de Tatiana Nascimento, que trazem em seu bojo perspectivas que desconsideram as fronteiras espaço-geográficas e de perspectiva temática, se mostram como uma espécie de resposta positiva ao chamado feito por Gloria Anzaldúa em seu ensaio *A nova nação mestiza: um movimento cultural* no sentido de sua capacidade de “criar

10. *Ibid.*, p. 11.

11. RICH, Adrienne, *Blood, bread and poetry: selected prose 1979-1985*, New York/London, W W Norton & Company, 1986, p. 95. Tradução nossa.

poesia, arte, pesquisa e livros que não podem ser assimilados¹²”, uma vez que colaboram com a ampliação da diversidade e a quebra de estereótipos na criação literária.

Não há como delimitar fronteiras quando a autoria está em constante movimento, seja em termos de gênero literário, de perspectiva temática ou de escolha de como tratar o espaço na poesia desta autora. Há sim um amálgama complexo que por momentos privilegia o trabalho com o gênero literário, por outros, o gênero enquanto orientação sexual, o espaço enquanto movimento geossocial ou o espaço como a vivência em determinada territorialidade, deslizando entre o enfoque de um para outro ponto, sem, no entanto, abdicar de nenhum. É justamente esta movimentação e a consciente expansão de perspectivas que alinhava o diálogo entre as poesias de *Lundu*, e as proposições de Gloria Anzaldúa sobre a nova mestiza.

No ensaio anteriormente mencionado a pesquisadora chicana e norte-americana aponta que:

[...] a nova mestiza é um sujeito liminar que vive nas fronteiras entre as culturas, raças, linguagens e gêneros. Neste estado de entre-lugar a mestiza pode mediar, traduzir, negociar e navegar por estas diferentes localidades. [...] Para mestizas não é suficiente apenas se reinscrever nas culturas tradicionais das quais emergiram, e se firmar numa posição binária de nós-estamos-certas/eles-estão-errados. Perspectivas baseadas em representação problematizam essa binariedade interrogando como pessoas negociam mundos múltiplos todos os dias. Minha identidade está sempre em fluxo: ela muda conforme eu caminho e cruzo muitos mundos a cada dia¹³.

Assim não é difícil observar os poemas contidos em *Lundu*, pela perspectiva “mestiza” de Anzaldúa, visto que os textos deslizam ou derivam entre as fronteiras territoriais, fronteiras de gêneros literários e de gêneros corporais, colocando à prova, simultaneamente, as leis que estabelecem os limites do gênero poesia, as expectativas temáticas e espaciais em relação a um livro com enunciação lésbica e das expectativas em relação a enunciação de e sobre os corpos negros e femininos.

Antes da análise de alguns poemas a título de exemplo, é importante pensar como as escritoras brasileiras contemporâneas têm se colocado publicamente em relação ao seu ofício de escrita. Em *Cuírlombismo literário: poesia negra desorbitando o paradigma da dor*, espécie de ensaio manifesto, Tatiana Nascimento comenta as bases para sua escrita poética “feito política afetiva, hormonal, palavreira, cultural, sexual, revolucionária”, a poesia deveria se conectar, na concepção da autora, “a um projeto epistêmico negro-sexual-dissidente atravessado por disputas narrativas¹⁴”. A escritora afirma também a necessidade de romper a imaginação social que espera de textos de enunciação negra certa restrição temática à denúncia, à dor, ao sofrimento, ou ainda, à sensualidade heterocentrada, sobretudo quando se trata de mulheres negras.

12. ANZALDÚA, Gloria, “A nova nação mestiza: um movimento cultural”, *A vulva é uma ferida aberta...*, *op. cit.*, p. 197.

13. *Ibid.*,

14. NASCIMENTO, Tatiana, *Cuírlombismo literário: poesia negra LGBTQI desorbitando o paradigma da dor*, São Paulo, N-1, 2019, p. 19.

No caso de Natalia Borges Polezzo, que, como Tatiana Nascimento, atua como pesquisadora e escritora, vemos que seus livros, como a coletânea de contos *Amora* (2015) e os romances *Controle* (2019) e *A extinção das abelhas* (2021), foram concebidos dentro de um projeto literário que pensa criticamente a representação de personagens lésbicas. Sobre sua concepção de projeto literário, temos a seguinte afirmação, que igualmente orbita entre sua produção teórica e literária:

[...] penso em questões de leituras identitárias hegemônicas e não hegemônicas há algum tempo. Por exemplo, penso no significado de ser escritora há muito tempo. Muitas respostas me agradam. Sou escritora porque escrevo, sou escritora porque publico, sou escritora porque posso ser e isso não é simples, sou escritora porque me leem, porque tenho distribuição, sou escritora porque tenho recepção crítica, sou escritora porque dizem que sou escritora e se todas essas respostas deixarem de ser verdade, ainda assim, serei escritora, porque quero exercitar o ofício da escrita. Assim, a questão reside parte em minha atuação no campo e parte em sua legitimação. Agora, o que quer dizer ser lésbica, afinal? Há quanto tempo tenho pensado minha própria sexualidade, minha lesbianidade, minha cisnormatividade, meu sentimento ou pertencimento queer, minha branquitude, meu estar geográfico. Há quanto tempo tenho pensado em como me encaixo e me desencaixo de algumas estruturas? [...] essa aceitação precisa também estar fora de mim, a meu redor, nos outros, na composição social dos espaços, na busca por bem-estar, conforto físico e emocional. Sendo assim, a aceitação não pode estar apenas vinculada a mim; quando eu habito o mundo, ela reside parte em assumir minha identidade, parte em sua legitimação nos campos sociais. Há questões complexas que são estruturais, e isso não quer dizer que sejam abstratas e anônimas, ao contrário, estão profundamente enraizadas nas práticas sociais (coloniais), nas opressões hierárquicas sofridas ou perpetradas do racismo, do machismo, da LGBTQfobia, do classismo, da gordofobia, entre outras e que são reproduzidas diariamente por todos nós. Então, pensar profundamente sobre a dimensão política principalmente da minha lesbianidade, bem como de todos esses atravessamentos interseccionais, como exercício de escrita é algo urgente¹⁵.

Desse modo, produções teóricas e ficcionais como as de Natalia Borges Polezzo e Tatiana Nascimento evidenciam, a um só tempo, uma preocupação intensa com um projeto literário engajado, no sentido de comprometimento com suas questões de ser e estar nos espaços que habitam, como também primam pelo trabalho estético com a palavra como forma artística e meio de intensificar a projeção de seu pensamento em suas atuações como teóricas e como escritoras de ficção e/ou poesia. E, em diálogo com o ensaio de Gloria Anzaldúa, tanto Natalia Borges Polezzo quanto Tatiana Nascimento nos trazem a perspectiva da literatura como um espaço em que também as noções de territorialidade, fronteira, delimitação de gêneros textuais e identitários se manifestam e se colocam na disputa política pela diversidade de autoria e de representação.

Essa disputa política, conforme já foi dito, abrange todos os entre-lugares de modo interseccional. Pensando em *Lundu*, mais especificamente, temos uma linha comum que cruza a

15. POLEZZO, Natalia Borges, *Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 2020, p. 1.

maior parte dos poemas: a enunciação de uma voz feminina, negra e lésbica. É nesta enunciação que incidem todos os outros pontos interseccionalmente; é este o corpo que sente a cidade, que vive as fronteiras, os limites da linguagem no corpo do texto e os limites do corpo diante de uma linguagem cuja gramática tece novos conceitos. Tudo isso é moldado por uma concepção de amor pouco usual entre as enunciações literárias contemporâneas.

Uma das leituras possíveis a respeito do amor entre mulheres enunciado em *Lundu*, pode ser feita a partir da concepção do amor definido como ação que ocasiona o crescimento de si mesma e de quem aceita receber este afeto¹⁶. Uma ação ética e conscientemente escolhida, não algo incontrolável ou inesperado, mas sim como uma forma de estar no mundo responsável consigo e com a realidade ao redor, que ecoa muito além de si e da pessoa amada. Até mesmo porque, se concordarmos que o espaço interfere nas subjetividades é preciso uma profunda transformação social para que os corpos/enunciações que desafiam as ordens patriarcais tenham seus espaços de cidadania plena e de enunciação literária. Assim, o amor, no universo de *Lundu*, seria algo intrinsecamente ligado ao senso de justiça e de pertencimento social.

No livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, bell hooks traz a proposta de “abandonar a ideia de que o amor é apenas um sentimento e passar a entendê-lo como ética de vida¹⁷”, como oposição ao capitalismo imiscuído nas formas de pensar as relações, que faz com que pessoas sejam vistas como produtos a serem consumidos e, ao mesmo tempo, pensar no papel do amor em qualquer movimento por justiça social. Seja quando se fala em amor próprio e afirmação antirracista, amor por outras pessoas ou ainda amor pela existência de um modo mais abrangente, que vise tornar os territórios espaços de existência plena para todas as pessoas.

Por essa perspectiva, quando Tatiana Nascimento aparentemente se desloca do tema do amor entre mulheres, que predomina no poema que intitula o livro, para criar poesias que falam sobre o solo do cerrado, por exemplo, por mais que os temas possam parecer desconexos, há no projeto integral do livro, o diálogo, que perpassa cada um dos textos, com esse desejo de uma existência plena para todos os seres.

Um dos exemplos mais pungentes em relação à representação dos espaços, por exemplo, encontra-se em “manhã (v./01/016)”. Neste poema, Tatiana Nascimento mescla sua percepção da paisagem do cerrado com as interferências arquitetônicas de Brasília. Da fronteira movediça de um espaço que é geográfico, mas também é estabelecido pela interferência humana no ambiente, lemos, a partir das primeiras estrofes, o choque entre os elementos do espaço no poema:

minha mãe é de vento
 todo dia cedo eu vou me abraçar dela no ponto de estrangulamento da paisagem
 onde o concreto aparente do arquiteto só não se deramou mais ainda sobre a réstia mais valente do cerrado porque em algum lugar eles tinham que instalar uma malha de eletricidade né
 os postes, com seus braços rígidos estendidos pro céu, não abraçam

16. HOOKS, Bell, *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, São Paulo, Elefante, 2019, p. 45-48.

17. *Ibid.*

Oyá.
eles só reverenciam o maquinário da cidade dividida
por ruas estreitas, esburacadas, de alta velocidade,
baixa reciprocidade.
de um lado tem prédio de 35 andares, do outro con-
domínios inacreditáveis, 5 suítes cada castelo, sete
garagens pra todas as carruagens.
cubículos [coloniais] pra criadagem.
eu ando por um mei de mato onde os anús inda conseq-
uem montar ninho a despeito da desova de cachorro
morto, entulho, embalagens de todo tipo de plástico
da mesma natureza
petrólea.
as redes de eletricidade sólida fazem um zunido con-
stante que na minha cabeça cê... lembra aquele filme
da pretty woman lutando contra o câncer comendo as
vísceras das crianças por morarem perto demais de
uma malha de eletricidade?
os aviões passam longe levando gente que num conheço
pra num sei onde mas não me dá saudade daqui,
quase nada me dá saudade daqui [...]¹⁸

Ainda que em *Lundu*, predominem os poemas sobre o amor entre mulheres e a cons-
tante aparição deste tema norteie a leitura, ao mesmo tempo, há o espaço para a crítica social aos
espaços urbanos. Em trechos como os do poema acima temos a mescla da percepção da natureza e
de animais típicos do cerrado, como o anú (presente em outras poesias ao longo do livro), em con-
comitância com a experiência religiosa e a desigualdade social presente em costumes que evocam
o período colonial brasileiro.

A singularidade dos jogos estabelecidos entre a forma de segmentar os versos, provo-
cando a criação de mais de uma possibilidade de sonoridade e/ou semântica, alargam a compreensão
da poesia, evidenciando o trabalho estético da autora. Um dos exemplos do uso deste recurso está
em “de um lado tem prédio de 35 andares, do outro con-/domínios inacreditáveis”. Aqui, o corpo
que enuncia o amor entre mulheres em outros poemas é o mesmo perpassado pela alta tensão, pela
arquitetura urbana que reflete as desigualdades sociais e pela experiência com a natureza e com a
religiosidade.

O deslizamento temporal presente entre as experiências narradas (o passeio matinal,
a percepção da construção da cidade e as marcas coloniais que persistem na arquitetura urbana, a
questão da alta tensão e seus possíveis danos futuros) também conduz a leitura por uma experiência
de percepções temporais simultâneas, uma vez que, como afirmou Gloria Anzaldúa, “o passado está
constantemente sendo construído de inúmeras formas¹⁹”. Deste modo, realizar novas (e diversas)

18. NASCIMENTO, Tatiana, *Lundu*, Brasília, Padê editorial, 2017 (2.ª ed.), p. 60.

19. ANZALDÚA, Gloria. “A nova nação mestiza: um movimento cultural”, in *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*, Gloria Anzaldúa (trad. Tatiana Nascimento), Rio de Janeiro, A Bolha Editora, 2021, p. 181.

representações do passado está intrinsecamente ligado à construção de imaginários de um futuro possível.

Além disso, a realidade fronteiriça da desigualdade social e os problemas de um processo de urbanização que não contempla as franjas da cidade também são demarcados a partir do diálogo com o filme *Erin Brockovich* (2000), estrelado por Julia Roberts. A experiência da vida na cidade não é transbordada pelos sentimentos da voz enunciativa, a experiência com a natureza, a subjetividade, a religiosidade e a percepção do seu local social estão demarcados concomitantemente, como a delimitação de uma fronteira borrada na qual uma série de elementos tentam se sobrepor uns aos outros e da qual não se sente saudade.

Esse efeito de proximidade com a cidade e os impactos na enunciação subjetiva talvez ganhe uma carga extra de autenticidade devido ao espaço em que a voz enunciativa se coloca. Já não se trata da observação distante de um espaço ao qual não se pertence, ou mesmo, da tentativa de neutralidade do corpo poético abstraído da experiência, mas sim, uma enunciação rés do chão, como vemos no já mencionado ensaio de Natália Borges Polesso:

Piso essa geografia como quem deseja dominar o espaço. Um pé firme sobre o chão e depois o outro, movimento diligente. E tropeço. Penso que agora deveria estar em pé, no alto de uma montanha, como na pintura do caminhante à espera da dissipação do mar de névoa, mas à distância não posso observar as minúcias da paisagem nem sua humanidade. Também, não se pode cartografar impunemente. Ou se escala a montanha e dali se observa o todo ou se vai ao rés do chão para se observar o mínimo, a gruta, a curva, o capim molhado, os edifícios, por trás de suas vidraças, as casas e as gentes. Desejar apenas o olhar vertical sobre o mapa é privar-se da viagem, do percurso, da experiência, do que pode ser o horizonte, e o que vem depois. Mas quem adentra o espaço tampouco o domina integralmente. Toda dominação é falsa. Ilegítima. No sentido de que nunca será completa. Há escolhas. Há sempre brechas. Portanto, é impossível não me colocar no mundo de duas formas para esta discussão sobre lesbianidades, literatura e espaços. Preciso estabelecer pontos de vistas. Preciso ter a noção de que os lugares em que me coloco não são estáticos e afetam a minha visão, privilegiando algo em detrimento de outro algo. Mesmo assim preciso pisar a geografia e tropeçá-la²⁰.

Portanto, a voz enunciativa presente no poema “manhã (v./01/016)” se coloca como quem efetivamente vive a experiência corpórea de habitar, pensar, viver aquele espaço. Em outro texto de *Lundu*, o poema “terra estéreo”, temos:

terra estéreo

a frequência do mono é sempre
sádica:
tempero sódico

20. POLESSO, Natalia Borges, “Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 2020. 20 de setembro de 2021
www.scielo.br/j/elbc/a/M6fvQXLjWw8fjzjbCTn8RPv/?format=pdf&lang=pt

namoro gâmico
o lato fúndico das culturas
mono
fásicas
nas faíscas
das enxadas
disputando:
os herdeiro do sol na bala
y os desterro do sal na cara
e na cor
agem²¹.

Utilizando recursos característicos de sua escrita poética como a quebra dos versos que formam novas interpretações sonoras e semânticas, Tatiana Nascimento intensifica sua visão crítica dos espaços territoriais que a cercam. A partir das trocas de algumas letras desde o título do poema, a escritora acrescenta novas camadas de leituras possíveis. A começar pelo jogo sonoro entre as palavras estéreo e estéril, evocando, ao mesmo tempo, um som único, ou ainda, a raiz grega da palavra estereótipo (stereo) e os jogos semanticamente possíveis entre a referência à produção ou reprodução de um único plantio, ou ainda a impossibilidade reprodutiva de um bioma tão diverso, quanto tornado cada vez mais escasso pelos danos da monocultura no cerrado²². Tal jogo é apenas o começo da comparação que a poeta traça entre as questões do desmatamento do cerrado, dos latifúndios e das leis patriarcais, que, no caso deste poema, surgem a partir da monogamia.

Desse modo, a comparação entre temas aparentemente tão distantes tem como ponto convergente a crítica às ideias de tradição, família e propriedade. Não raro estas ideias surgem em discursos de setores da política brasileira, sobretudo naqueles mais ligados à defesa de monoculturas no cerrado. Nas ideias de tradição, família e propriedade, é possível observar as principais raízes do patriarcado, uma vez que a manutenção do domínio de terras geralmente é acompanhada pela vontade de organização e poder sobre os corpos e costumes sociais, ou seja, entre outros fatores, a implantação da monogamia, que visa garantir a transmissão da herança, normalmente está ligada ao domínio territorial²³.

Não obstante, nos cabe lembrar a direta relação entre o domínio da terra e o domínio dos corpos no processo de colonização das Américas, e a decisiva participação do cristianismo neste processo colonial de dominação e implantação do capitalismo no chamado novo Mundo²⁴. Ainda que a colonização das Américas seja um marco histórico de mais de cinco séculos, ainda hoje a disputa pelas terras, bem como a disputa pela regulação dos costumes, é tema de disputa política em diversas partes do mundo.

Portanto, as ligações entre o espaço territorial, o corpo textual e o corpo que escreve ou é representado na literatura, tem implicações profundas. Quando uma escritora decide se enunciar,

21 . NASCIMENTO, Tatiana, *Lundu*, Brasília, Padê editorial, 2017 (2.ª ed.)

22 . DE OLIVEIRA, Érika Munique. “O significado do processo de modernização agrícola e os impactos ambientais em áreas de cerrado”. *Revista Cerrados (Unimontes)*, v. 16, nº 1, p. 40-58, jan/abr. 2018. www.redalyc.org/pdf/5769/576963552004.pdf.

23 . RUBIN, Gayle, *Políticas do Sexo*, São Paulo, Ubu Editora, 2017.

24 . FEDERICI, Silvia, *O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação*, São Paulo, Elefante, 2017, p. 400-403.

dentro de seu projeto literário, a partir da delimitação de seu espaço no mundo, ou seja, a partir de como lê e como pode ser lida nos espaços físicos, além dos espaços subjetivos que ocupa, em termos de gênero, de raça e classe e todos os fluxos possíveis entre estes elementos, ela demarca com isso seu projeto literário política e esteticamente.

Se retornarmos às ideias (ou às ficções políticas naturalizadas) dos projetos de nação e de identidade literárias brasileiras veremos quantas camadas de exclusão foram colocadas sobre o corpo de mulheres negras e lésbicas ao longo da história social e literária brasileiras. Reitero aqui a maior incidência deste fenômeno quando se observa a autoria e a representação fora das grandes capitais do sudeste do país.

A tendência de setores mais tradicionais da crítica literária de desconsiderar as especificidades das obras de mulheres negras e/ou não heterossexuais na literatura não é novidade. Parte da crítica age como se dentro de uma só segmentação temática negra e lésbica coubessem as multiplicidades de experiências de produção e de representação literária. Isso muitas vezes evidencia a diferença dos níveis de atenção dadas ao trabalho estético de um grupo em detrimento de outro.

A respeito dessa diferença, em termos de crítica literária, é importante pensar o quanto discussões que colocam a literatura como um espaço neutro tendem a reduzir “as reivindicações dos grupos historicamente discriminados a uma questão específica, identitária, como se identidade fosse coisa pouca²⁵”, a ilusão da neutralidade é mais uma destas ficções naturalizadas com as quais setores da crítica ainda convivem. Para grupos que muitas vezes foram impedidos de manifestar-se artisticamente o papel da escrita e da enunciação por meio da literatura é, de fato, um ato político.

Se compreendermos a literatura enquanto ato político, ou mesmo como sua potência, como afirma Evando Nascimento, na introdução do livro *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*, ou ainda se considerarmos:

A potência da literatura, enquanto instituição ligada às modernas democracias, com o poder praticamente infinito de dizer tudo, consiste em encenar esse desejo de justiça ali mesmo onde até o mais simples direito falta [...]. O empenho literário, verdadeiro penhor para poder dizer tudo e, paradoxalmente, também poder silenciar, se separa do engajamento proposto por Sartre, embora com ele dialogue. Menos do que um comprometimento político em sentido estrito o que levaria decerto a uma reprodução de ideologias, importa esse investimento formal que reinventa os jogos do real via linguagem. Sem a mediação lúdica da linguagem, nenhuma obra literária sustenta seu poder mobilizador e questionador²⁶.

Portanto, a partir do momento em que grupos minorizados passam a produzir artística e criticamente suas próprias enunciações, a crítica tradicional se vê demandada a rever muitas de suas posições em relação à neutralidade da autoria e da representação, e não só, encontra-se também interpelada a observar a pluralidade de pontos de vistas possíveis dentro do que antes era posto em grandes categorias como literatura feminina, literatura negra e outras denominações, como se fossem produções homoganeamente tratáveis.

25. POLESSO, Natália. Borges. “Geografias lésbicas: literatura e gênero”, *Revista Criação & Crítica*, nº 20, p. 10, 2018. 19 de setembro de 2021. www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138653.

26. NASCIMENTO, Evando, “A Literatura à demanda do outro”, in *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*, Jacques Derrida, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014, p. 25-26.

Por isso, obras como *Lundu*, entre outras produções da literatura contemporânea brasileira, podem ser consideradas como importantes mudanças nos níveis político e estético das fronteiras demarcadas por setores do poder patriarcal. Sobretudo se considerarmos que o projeto literário da autora tenta ocupar lacunas importantes no setor editorial nacional, em termos de produção e de criação artística. Além disso, considerando o trabalho de autoria de Tatiana Nascimento, em termos de trabalho com a linguagem, vemos que a abordagem temática e estética da enunciação lésbica se pulveriza por temas que ultrapassam o sentido mais estrito e convencional da vivência amorosa, para repensar o mundo ao seu redor e todas as instâncias materiais e imateriais, de acordo com uma concepção de amor outra, não aquela do sujeito romântico para o qual o mundo era a pessoa amada e nada mais, mas com uma visão mais abrangente do amor intrinsecamente ligado ao senso de justiça e de cidadania plena para todas as pessoas.